

Carta de Pina Manique: tourettismo, desabafo sarcástico ou folclore? Nota Histórica

Pina Manique's letter: tourettism, sarcastic way of
letting off steam, or folklore?
Historical Note

Péricles Maranhão-Filho¹

Resumo

O objetivo principal desta Nota visa comentar o conteúdo de uma curiosa carta supostamente escrita em 1795 pelo controverso português Diogo Inácio da Pina Manique e endereçada ao Duque de Cadaval, cujo estilo escatológico sugere tourettismo entre outras possibilidades.

Palavras-chave: *Pina Manique, história, coprografia, tourettismo*

Abstract

The main objective of this Note is to discuss a letter supposedly written in 1795 by a controversial Portuguese, Diogo Inácio Pina Manique, addressed to the Duke of Cadaval, whose coprographic style suggests some possibilities including tourettism.

Keywords: *Pina Manique, history, coprography, Tourette's symptom.*

¹Professor Adjunto de Neurologia. Hospital Universitário Clementino Fraga Filho da Universidade Federal do Rio de Janeiro e Neurologista do Instituto Nacional de Câncer do Rio de Janeiro.

Introdução

Na história de Portugal do século XVIII poucos personagens foram tão polêmicos como Pina Manique. Protegido do Marquês de Pombal exerceu inúmeros cargos e funções que lhe deram enorme poder político. Embora tenha construído diversas obras de caráter humanitário, foi conhecido também pela prepotência e por ter sido um tirano cruel e carrasco impiedoso. Supõe-se que em 1795 Manique tenha redigido uma curiosa carta endereçada ao Duque de Cadaval, seu desafeto declarado. O conteúdo da missiva, cujo estilo escatológico tornou-a famosa, permite diversas interpretações. Sob o julgo neurológico poderia tratar-se de touretismo, por outro lado, para alguns estudiosos da língua portuguesa pode representar, tão somente e apenas, uma forma de grafia adotada por artistas, poetas e intelectuais da Lisboa do século XVIII. Já outros a consideram um desabafo sarcástico, escrito simplesmente com intuito de ofender, havendo ainda os que afirmem tratar-se de documento apócrifo, puro folclore. Pina Manique morreu poucos anos após ter sido demitido dos seus cargos, por imposição do Imperador Napoleão Bonaparte, sem nunca ter apresentado nenhum sinal ou sintoma de doença neurológica.

Pina Manique

Natural de Lisboa, Diogo Inácio da Pina Manique (1733-1805) (Figura 1), moço fidalgo e Bacharel formado em leis pela Universidade de Coimbra, caiu nas graças do Marquês de Pombal após ter solucionado eficientemente algumas questões políticas delicadas utilizando-se de crueldade digna do próprio Marquês. Pina Manique ocupou diversos cargos públicos, alguns deles acumulados. Foi Juiz do Crime do Bairro do Castelo (aos 25 anos de idade), Corregedor do Crime do Bairro de Alfama (1765), Desembargador da Relação e Casa do Porto (1768), Desembargador do Paço, Desembargador Estravagante da Casa de Suplicação (1771), Fiscal da Junta de Administração da Companhia de Paraíba e Pernambuco (1774), Contador da Fazenda (c 1776), e Intendente Geral da Polícia da Corte e Reino (1780), além de ter estabelecido a Superintendência Geral dos Contrabandos e Descaminhos dos Reais Direitos, sendo logo a seguir empossado como Provedor Geral das Alfândegas do Reino (1781). Foi também primeiro senhor de Manique

do Intendente, por decreto da Rainha D. Maria I (1791)^{1,7}. Com incrível poder político e de mando, Manique contribuiu, e muito, para melhoria da cidade de Lisboa do século XVIII com a criação de policiamento organizado, arborização, abertura de estradas e iluminação^{1,7}. Em 1782 obteve autorização para criar a Casa Pia, sua obra predileta, onde prestava assistência e amparo a criança de rua, órfãs desamparadas, mendigos, e “rapazes libertinos”^{1,2}.

Mas por outro lado, muitos o consideravam um ser violento, intransigente, tirano e arbitrário.

Em 1777, ao reprimir os motins na Trafaria, justificou plenamente a confiança a ele depositada pelo Marquês de Pombal, incendiando as casas dos pobres pescadores de forma que não pudesse escapar nem um só dos que não se entregaram¹. Pina Manique foi implacável perseguidor de quem lhe fazia frente, e destacou-se como policial perseguidor das mentalidades liberais e ferrenho inimigo da liberdade². Durante o reinado de D. Maria I, suas ações como Intendente-Geral da Polícia foram principalmente voltadas para a repressão das idéias oriundas da Revolução Francesa, designadamente através da proibição de circulação de livros e publicações e da perseguição a diversos intelectuais².



Figura 1. Diogo Ignácio de Pina Manique (1733-1805). Gravura de GF de Queiroz (1768 – 1845).

A carta

O documento abaixo transcrito que talvez tenha um grande valor histórico, de certa forma revela a expressão gráfica de um sintoma comum no tourettismo.

Ilustríssimo e Reverendíssimo Senhor Duque de Cadaval:
“Se o meu nascimento, embora humilde, mas tão digno e honrado como o da mais alta nobreza, me coloca em circunstância de V. Excia. me tratar por TU,
- Caguei para mim que nada valho “.
“Se o alto cargo que exerço, de Corregedor da Justiça em Santarém, permite a V. Excia., Corregedor Mor da Justiça do Reino, tratar-me acintosamente por TU,
- Caguei para o cargo”.
“Mas se nem uma nem outra cousa consente semelhante linguagem, peço a V.Excia. que me informe com brevidade acerca dessas particularidades, pois quero saber ao certo se
- devo ou não Cagar para V.Excia.

Pina Manique
Corregedor da Justiça de Santarém

Santarém, 22 de Outubro de 1795.

Discussão

Acordam os léxicos sobre o sentido da palavra coprografia e suas congêneres, coprolalia, copropraxia, copromania, coprologia, etc⁵. O vocábulo, oriundo do grego Kopros, excremento, e grafos, escrita, desenho, designa o impulso mórbido e obsessivo do indivíduo em escrever ou desenhar em papel, muros, paredes, ou portas de banheiros públicos, palavrões ou desenhos obscenos³.

No âmbito neurológico, observa-se o fenômeno como uma das particularidades da síndrome de Gilles de la Tourette ou do tourettismo adquirido, cujas manifestações envolvem tiques motores múltiplos e um ou mais tiques orais⁴ que ecoam sobre a forma de roncões, fungações, pigarros, murmúrios, sibilos e, por fim, coprolalia. Ao tique vocal pode corresponder o gráfico (coprografia), ou gestual (copropraxia)⁶. Embora possa ocorrer em até 50% dos sofreadores desta condição⁹, coprolalia não é um sintoma

provocado unicamente pela doença de Tourette. Pode ser uma manifestação observada em outras doenças tais como; demências de diversas origens, afasia não fluente (afasia de Broca, por exemplo), no hemibalismo e após encefalites⁹.

Coprografia é um sintoma compulsivo, repetitivo, e quase ritualístico, assim como o é a coprolalia e a copropraxia. Associa-se a uma urgência irresistível que pode ser parcialmente suprimida por um determinado tempo, mas logo depois volta com toda força, como ocorre com os demais tiques.

Vale ressaltar que em Portugal, desde antes do século XVIII, e não somente lá, mas também nos demais países de língua portuguesa, “cagar” sempre foi expressão chula (segundo o padre Raphael Bluteau (1792), com significado de: descomer; desistir; desistir do corpo), mas de uso comum, e que, dependendo do contexto, com cunho ofensivo como: “seu cagão”; para designar quem tem muito medo ou é tímido em excesso⁵, ou simplesmente outorgando conotação de desinteresse, como por exemplo: “caguei para isso” ou “caguei para ele”; significando não estar interessado em algo ou alguém respectivamente.

No século XVIII, tempo de Pina Manique, “cagar” seria uma expressão mais comum entre as “gentes” de baixa escala social, do que das classes superiores. Mas artistas e intelectuais faziam questão de usar as expressões das classes baixas no meio do seu palavreado intrincado, quando escreviam textos ou mesmo conversavam, como forma de se distinguirem dos burgueses que recusavam qualquer tipo de aproximação com as classes inferiores. Portanto, considerada expressão inadequada, embora possível de ocorrer na troca de correspondência informal, no presente caso, em se tratando de missiva entre altas personalidades do governo, este linguajar é completamente despropositado, mesmo refletindo um estilo de época.

Podemos considerar ainda a possibilidade de se tratar apenas, de um documento isolado e recheado de puro deboche e sarcasmo, uma vez que na literatura consultada não há registro da existência de outros escritos redigidos por Manique cujo conteúdo ou estilo ao menos se aproxime desta carta.

Por último, há que se levar em conta também, a possibilidade de que seja um texto apócrifo, e que tudo não passe apenas de folclore, fruto da invenção popular (*).

Pina Manique acabou sendo uma vítima das exigências da França revolucionária, cujos partidários perseguiu implacavelmente. Em virtude de suas desavenças com o General Lannes, embaixador francês em Portugal, foi demitido do cargo de Diretor da Alfândega, em 14 de março de 1803, por decreto governamental assinado por D. João, a pedido do enérgico ditador e primeiro cônsul Napoleão Bonaparte¹. Após tamanha humilhação, Manique conseguiu sobreviver por apenas mais dois anos. Nas histórias e ensaios biográficos a seu respeito^{7, 8}, não consta que fosse usuário habitual de nenhum tipo de medicamento, que tenha sofrido de encefalite ou que tenha apresentado tiques ou qualquer outro sinal ou sintoma neurológico.

(* Addendum

A carta de Pina Manique nos foi apresentada pelo Prof. Álvaro de Lima Costa há mais de dez anos. Embora existam dezenas de sites na internet citando-a como verídica^{2, 3}, recentemente nos empenhamos em tentar obter uma cópia autenticada da mesma. Fizemos solicitações de pesquisa do original da carta de Pina Manique aos acervos da Biblioteca Nacional de Lisboa; ao Instituto dos Arquivos Nacionais / Torre do Tombo (IAN/TT); ao Arquivo Histórico da Casa Pia de Lisboa; e à Fundação da Casa Cadaval em Lisboa. Contamos ainda com a prestímosa colaboração da senhora Janete dos Santos Bessa Neves, Professora Adjunta do Departamento de Letras - PUC-Rio, que consultou uma amiga de além mares, a senhora Maria Helena Mira Mateus, Professora Catedrática Jubilada da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, e Presidente do Instituto de Linguística Teórica e Computacional (ILTEC). Solicitamos também a colaboração dos leitores de dois “blogues” portugueses nos quais consta a carta, no sentido de nos fornecer a informação do local onde a mesma poderia ser encontrada. Apesar da boa vontade de todos, principalmente do empenho dos funcionários das quatro Instituições portuguesas às quais mantivemos contato e solicitamos auxílio, não obtivemos a informação de onde encontrá-la.

Concluindo, transcrevo um e-mail resposta da Sra. Maria Rita Braga Marquilhas, também de Lisboa, Professora Associada da Faculdade de Letras da Faculdade de Lisboa, especialista em cartas informais (sobretudo antigas), a respeito da fidedignidade da carta de Pina Manique, e que parece por um fim a esta história: “... *A carta que li circula há uns tempos em blogues da Internet, que tanto dizem que corresponde um original depositado na BN (Biblioteca Nacional), como a um original da Torre do Tombo. O conteúdo da carta corresponde ipsis-verbis a uma anedota antiga que tem sido atribuída popularmente a diversas personagens ilustres (merece o mesmo crédito que as anedotas que passaram directamente do Américo Tomás para o Samora Machel)...*”

Agradecimento

O autor é grato a Sra. Mafalda Garcia, natural de Lisboa, “graduada em Ciência Política, pós-graduada em Relações Internacionais, atualmente a viver no Pay de Gex, França”, pelo auxílio prestado no início da pesquisa a respeito de Pina Manique e sobre as questões lingüísticas do português arcaico.

Referências

1. Amaral M. Portugal - Dicionário Histórico, Corográfico, Heráldico, Biográfico, Bibliográfico, Numismático e Artístico, Lisboa. Edição electrónica 2000-2001. Disponível em: <http://www.arqnet.pt/dicionario/pinamanique.html>. Acesso em dezembro de 2007.
2. Disponível em: <http://blogdasabedoria.blogspot.com/2005/10/pina-manique.html>. Acesso em outubro 2007.
3. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Coprolalia>. Acesso em dezembro de 2007.
4. Disponível em: <http://www.datasus.gov.br/cid10/webhelp/cid10.htm>. Acesso em dezembro de 2007.
5. Ferreira ABH. Dicionário Aurélio Eletrônico - século XXI. Versão 3.0. Lexicon Informática Ltda.1999.
6. Maranhão-Filho PA, Lima AJL. Pingos & Respingos: mais de 1000 questões comentadas. Rio de Janeiro. Ed. Revinter, 2000.
7. Martins FAO. Pina Manique o Político – O Amigo de Lisboa. Lisboa: Sociedade Industrial de Tipografia Limitada. 1948.
8. Norton J. Pina Manique – Fundador da Casa de Pia. Lisboa. Bertrand Editora. 2004.
9. The neurology of tics. Janckovic J. In Movement Disorders 2. Masden CD, Fahn S Editors. Cornwall, England. Butterworth & Co. Ltd, 1987 p.383.